

**ENTRE EUFORIA E MELANCOLIA:
PESSOAS COM TRANSTORNO BIPOLAR E O MUNDO DO TRABALHO**

**BETWEEN EUPHORIA AND MELANCHOLY:
PEOPLE WITH BIPOLAR DISORDER AND THE WORLD OF LABOUR**

Letícia Maria de Luna*

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo observar os impactos do Transtorno Bipolar sobre as relações de trabalho. O Transtorno Bipolar é um transtorno de humor caracterizado por dois estados: estado de mania e estado depressivo. O estado de mania é caracterizado por um tipo de euforia exacerbada, enquanto o estado depressivo é caracterizado por um período de melancolia. O presente artigo é de natureza qualitativa exploratória. Para a elaboração do artigo, utilizamos de três passos: primeiramente, uma revisão bibliográfica dividida em três eixos: explicar o que é o Transtorno Bipolar; inserir a perspectiva sobre o transtorno na discussão nas ciências sociais sobre Sofrimento Psíquico, utilizando um referencial múltiplo e encarando a questão para além da internalização do sofrimento, como problema social e sociológico; descrever as principais mudanças no mundo do trabalho na atualidade e possíveis impactos na subjetividade dos trabalhadores. Em segundo lugar, coletamos dados através de entrevistas semi-estruturadas com pessoas com Transtorno Bipolar e que trabalham. Em terceiro lugar, fazemos uma análise correlativa entre o que foi visto no referencial teórico e as entrevistas. Como resultados, podemos mencionar que observamos um caráter diverso do que os manuais de psiquiatria fornecem sobre a experiência do Transtorno Bipolar; relacionado ao trabalho, a ordem atual, também é algo relativizado, no sentido que cada um possui uma forma de trabalho diferente, e leem a relação entre burocracia, produtividade e demanda no trabalho diferentemente, de modo que os estados de mania e depressão afetam de diversas formas a atividade de trabalho dos entrevistados.

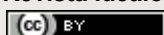
Palavras-chave: Transtorno Bipolar. Mania. Depressão. Trabalho. Sofrimento psíquico.

ABSTRACT

This article aims to examine the impacts of Bipolar Disorder on work relationships. Bipolar Disorder is a mood disorder characterized by two states: manic and depressive. The manic state is marked by an exaggerated euphoria, while the depressive state is defined by periods of melancholy. This study is qualitative and exploratory in nature. The article was developed in three steps. First, a bibliographic review divided into three axes: explaining what Bipolar Disorder is; incorporating perspectives on the disorder into the social sciences discussion on mental suffering, using a multidisciplinary framework and

Artigo Recebido em: 03/01/2024 Aceito em 30/12/2024.

Revista Idealogando, Recife, v. 7, n. 1, p. 99-119, 2023, Universidade Federal de Pernambuco



Este artigo está sob uma [Licença Creative Commons 4.0 Internacional - CC BY](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

addressing the issue beyond the internalization of suffering as a social and sociological problem; and describing the main changes in the contemporary labor market and their possible impacts on workers' subjectivity. Second, data were collected through semi-structured interviews with individuals who have Bipolar Disorder and are employed. Third, a correlative analysis was conducted between the theoretical framework and the interview data. The results indicate a diverse understanding of Bipolar Disorder experiences compared to psychiatric manuals. Regarding work, the current organizational structure is also relativized, as each individual has a unique approach to work and interprets the relationship between bureaucracy, productivity, and job demands differently. Consequently, the manic and depressive states affect the interviewees' work activities in various ways.

Vestibulum sed lobortis urna, sagittis pretium lacus. Pellentesque vitae placerat massa. Fusce dapibus vulputate viverra. Suspendisse ac cursus justo, vel venenatis eros.

Keywords: Bipolar disorder. Mania. Depression. Labour. Psychic suffering.

* Graduada em Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

INTRODUÇÃO

Durante as últimas décadas, mais especificamente a partir da segunda metade do século XX até o início do século XXI, vivenciamos uma série de mudanças: globalização, flexibilização das relações de trabalho, novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), entre outras. Essas transformações têm impactado a subjetividade dos indivíduos em múltiplas esferas.

Richard Sennett (2005), por exemplo, observou como o novo capitalismo, o qual têm por marca a ênfase na flexibilidade do trabalho e a capacidade de correr riscos, lança os indivíduos em uma ordem sem vínculos estáveis, que os envolve em um processo amplo de concorrência, destrói o laço de solidariedade e comunidade, e corrói o caráter, isto é, afeta diretamente a subjetividade, destruindo uma perspectiva ética do trabalho.

De uma perspectiva crítica sobre a relação entre sofrimento psíquico e sociedade, Vladimir Safatle (2021) aponta para uma lógica cada vez mais individualizante e concorrencial, derivada do neoliberalismo como meio de governança dos corpos. Isso implica em uma necessidade de subordinação objetiva e subjetiva, onde o indivíduo torna-se responsável por si mesmo, desde os âmbitos do trabalho (onde o trabalhador vira empreendedor de si, tratando-se como capital) até os aspectos relativos à psique (por exemplo, com a transformação da vida emocional em um problema de “gestão”). Por

consequência, se no mundo do trabalho houve uma “psicologização” das relações com vistas a melhor geri-las (Safatle, 2021, p. 31), no âmbito da própria saúde mental, “(...) as próprias técnicas de clínicas de intervenção terapêutica começaram por obedecer, de forma cada vez mais evidente, a padrões de avaliação e gerenciamento de conflitos vindos do universo da administração de empresas” (Safatle, 2021, p. 32).

Com isso, é possível observar práticas de psicoterapias baseadas em lógicas de administração de empresa, não focando mais em questões a longo prazo, mas sim no imediato. Dessa forma, os indivíduos são “treinados”, segundo o autor, para obter melhoramento em suas performances nas organizações empresariais. Um ponto importante da análise feita pelo autor é o fato de que é necessário reconhecer que o sofrimento não é unicamente biológico, mas também social e por isso está relacionado a um sistema externo a ele. (Safatle, 2021).

Outros autores, como Byung-Chul Han (2017; 2019), têm uma argumentação em relação à atualidade e ao sofrimento psíquico que pensa o neoliberalismo como uma ordem que ultrapassa a anterior sociedade disciplinar. Trata-se agora de uma sociedade do desempenho, onde constantemente estamos avaliando e sendo avaliados, sujeitos a um processo de “autogestão” da vida, de modo que a ordem introjeta em nossas mentes as formas de organização social e individual que devemos seguir, em um processo de “psicopolítica”.

Dito isto, o objetivo do presente trabalho é analisar como o Transtorno Bipolar afeta as relações de trabalho na contemporaneidade. Este objetivo tem em vista as questões mencionadas acima que envolvem especificamente as relações entre formas de sofrimento psíquico e nossa sociabilidade, pensando aqui o trabalho como o objeto privilegiado, pois, “[...] mais do que uma categoria psicológica, o sofrimento parece ter se transformado em uma nova chave para se discutir o trabalho, seu significado, seu valor e sua função na compreensão da subjetividade, como também o modo como se estruturam os laços sociais e se vive em sociedade.” (BENDASSOLLI, 2010, p. 70).

Para dar conta desse objetivo, o texto a seguir estará estruturado em três

capítulos, além de conclusão e a presente introdução. O primeiro capítulo, o de referencial teórico, será dividido em duas partes.

Na primeira parte, procuraremos introduzir e explicar o que é o transtorno bipolar (TB), quais suas principais características e como ele pode afetar nossa sociabilidade; essa última questão mediada pela discussão atual sobre sociedade e sofrimento psíquico. Tendo como base teórica principal duas das principais obras da psiquiatra e ensaísta estadunidense Kay Redfield Jamison sobre Transtorno Bipolar sua autobiografia “Uma Mente Inquieta” (2009) e seu livro sobre a relação entre o Transtorno Bipolar e o ‘Gênio Artístico’ “Touched With Fire” (1994) -, iremos discutir desde definições básicas que caracterizam o transtorno até relação entre indivíduos diagnosticados com o Transtorno Bipolar e o impacto desse transtorno no trabalho exercido por estes.

Na segunda parte do capítulo de referencial teórico, procuraremos dar uma descrição das recentes mudanças no mundo do trabalho, com foco em como os sujeitos têm sido afetados em sua subjetividade. Sennett, com A corrosão do caráter (2005) e A cultura do novo capitalismo (2019), será nossa principal referência, tendo em vista o foco do autor para com questões que envolvem trabalho, cultura, psique e cotidiano.

O segundo capítulo tratará dos procedimentos metodológicos adotados para o presente trabalho. Destacamos que o presente trabalho é de natureza qualitativa exploratória, utilizando como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Buscamos entrevistar indivíduos possuidores de Transtorno Bipolar que trabalham, a fim de observar como essa forma de sofrimento psíquico afeta e é afetada pela ordem atual da vida e do trabalho.

No terceiro capítulo, trataremos da análise dos dados coletados. Buscaremos relacionar o transtorno bipolar e o trabalho dos sujeitos entrevistados.

O TRANSTORNO BIPOLAR

Podemos afirmar que o Transtorno Bipolar se caracteriza, de maneira geral, como uma condição psíquica na qual ocorrem variações de humor as quais partem desde momentos desde a euforia à melancolia. Os principais

atributos que definem o transtorno, levando em conta a perspectiva de variação mencionada, são os estados maníacos e depressivos.

Definiremos mania e depressão de forma mais detalhada posteriormente; aqui, apresentaremos, porém, definições básicas dos dois principais estados. A mania designa por um período no qual o indivíduo comporta-se de maneira eufórica, podendo até mesmo agir além dos padrões sociais de comportamento. Os episódios depressivos seriam uma expressão contrária aos episódios de mania, ou seja, são definidos como situações de baixas do humor. (TUNG, 2007).

O Transtorno Bipolar é muito comum na população de todo o mundo, afetando significativamente a vida de seus portadores. O Transtorno Bipolar é considerado, na literatura psiquiátrica, uma doença geneticamente complexa, pois, para que esta se manifeste, é preciso que exista um conjunto de genes que interagem em uma fisiopatologia complexa. (MICHELON E VALLADA, 2005, p. 22). Porém, faz-se necessário ressaltar ainda que não só os genes, mas também os fatores ambientais estão relacionados com a manifestação do Transtorno Bipolar, sendo esta então uma característica das doenças complexas, segundo estudos psicossociais.

Ainda levando em conta os fatores genéticos relativos ao Transtorno, podemos observar abaixo que os autores avaliam um grau de hereditariedade gerador de predisposição à bipolaridade:

“(...) não está claro como a informação genética se transmite entre as gerações e quais os fatores responsáveis pela expressão do TB. De modo geral, quanto maior o número de afetados com parentesco próximo, maior a chance de um indivíduo manifestar a doença. Por ser uma doença complexa, quanto maior o número de variantes gênicas de suscetibilidade e quanto maior o contato com fatores ambientais precipitantes, maior o risco.” (Michelon e Vallada, 2005, p. 25)

Acrescenta-se a isso que o Transtorno Bipolar é difícil de ser avaliado quando se leva em consideração quando e como são apresentados os primeiros sintomas (ainda assim, alterações na função cerebral de indivíduos os quais apresentam depressão e mania têm sido relatadas). A partir do uso de modelos genéticos e de neuroimagem no transtorno de humor bipolar, pesquisas vêm animando referenciais teóricos e conceituais para que seja possível

compreender como os mecanismos biológicos podem estar ligados com a “apresentação clínica, o curso e a resposta farmacológica” no Transtorno (Machado-Vieira, et. al. 2005, p. 29).

Anteriormente ao DSM III (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) o Transtorno Bipolar tinha a nomenclatura de “psicose maníaco-depressiva”. Acreditava-se que o mesmo se caracterizava simplesmente por mudanças entre estados depressivos e maníacos. Atualmente, quando se pensa sobre o Transtorno Bipolar, incluem-se características além dessas, assim como formas mais brandas, a exemplo do estado de hipomania (mais leve do que os episódios de mania) etc. Sendo assim, o diagnóstico se tornou popular, já que os critérios não seriam mais tão estreitos, e também por interesses da indústria farmacêutica (CORRÊA & LIMA, 2020, p. 2).

Atualmente, no DSM, o qual em sua versão mais atual é o DSM-V (Manual Diagnóstico e Estatístico De Transtornos Mentais, 2014), podemos encontrar uma definição mais detalhada das diferentes possibilidades de diagnóstico do transtorno bipolar. Uma de suas atualizações refere-se à forma de classificar os transtornos: o DSM-V buscou realizar uma categorização racionalizada dos mesmos, levando em conta que esses são as condições mais diagnosticadas; em seu prefácio, podemos ver que, de definições como episódios “maníaco”, “hipomaníaco” e “depressivo maior”, o manual agora possui as classificações de: transtorno bipolar tipo I, transtorno bipolar tipo II, e transtorno depressivo maior, visando facilitar a compreensão e o diagnóstico (Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, 2014, p. xlii).

O EPISÓDIO MANÍACO

Na presente seção, pretendemos aprofundar-nos na definição e nas consequências do que foi classificado acima de “episódio maníaco”, uma das características básicas do Transtorno Bipolar. Em primeiro momento, o DSM-V oferece uma definição básica sobre os atributos do episódio:

“A característica essencial de um episódio maníaco é um período distinto de humor anormal e persistentemente elevado, expansivo ou irritável e aumento persistente da atividade ou da energia, com duração de pelo menos uma semana

e presente na maior parte do dia, quase todos os dias (...) O humor, em um episódio maníaco, costuma ser descrito como eufórico, excessivamente alegre, elevado ou “sentindo-se no topo do mundo”. Em certos casos, o humor é tão anormalmente contagiante que é reconhecido com facilidade como excessivo e pode ser caracterizado por entusiasmo ilimitado e indiscriminado para interações interpessoais, sexuais ou profissionais. Por exemplo, a pessoa pode espontaneamente iniciar conversas longas com estranhos em público. Algumas vezes, o humor predominante é irritável em vez de elevado, em particular quando os desejos do indivíduo são negados quando ele esteve usando substâncias. Mudanças rápidas no humor durante períodos breves de tempo podem ocorrer, sendo referidas como labilidade (i.e., alternância entre euforia, disforia e irritabilidade).” (Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, 2014, p. 127).

Podemos observar acima que o manual caracteriza o episódio como um período “anormal” de variação de humor. Isso significa que ele acarreta comportamentos tidos como desviantes das normas sociais, implicando ações que podem ir desde uma euforia positiva, que acaba levando a uma postura mais extrovertida, tornando o indivíduo mais proativo, comunicativo, até como atitudes de auto sabotagem, de modo a causar comportamentos exagerados e destrutivos para consigo mesmo.

Durante episódios maníacos os indivíduos têm a sensação de aumento de suas potencialidades. Por isso algumas das principais características destes episódios são: auto-estima elevada, grandiosidade, muito falante, loquaz ou logorréico, fuga de idéias, distratibilidade, menor necessidade de sono, aceleração psicomotora, desinibição social e/ou sexual, elevado gasto de dinheiro, maior envolvimento em atividades prazerosas (Dalgarrondo, 2008, p. 317).

Pretendemos, porém, ir além das definições básicas do manual. Para isso, uma obra considerada referência no tema do Transtorno Bipolar é “Uma mente inquieta”, de Kay Redfield Jamison (2009). Jamison é uma psicóloga clínica renomada, autoridade internacional em se tratando da “doença maníaco-depressiva” (Transtorno Bipolar), e é ela própria diagnosticada com o

transtorno.

O referido livro consiste em uma autobiografia, ao mesmo tempo em que traz informações científicas de forma didática, servindo como uma introdução ao tema. Ao mesmo tempo, levando em conta a perspectiva biográfica, é possível observar como o Transtorno afeta aspectos da vida social, com base nos relatos da autora. Para fins do presente trabalho, não abordaremos a biografia de Jamison de forma ampla; pretendemos observar seus relatos específicos relativos aos episódios de variação de humor.

Assim, no estado maníaco tudo parece acelerado. Interior e exteriormente, tudo passa a ser muito interessante e empolgante além do “normal”. Por outro lado, isso não significa que um estado de euforia seja necessariamente algo “positivo”. Os estados de euforia podem ser danosos para a pessoa diagnosticada.

No Transtorno Bipolar, os episódios maníacos, eventualmente, podem proporcionar experiências consideradas positivas, porém as consequências são frequentemente negativas. As experiências podem atingir níveis de intensidade capazes de desconectar o indivíduo da própria realidade. Causando, em seguida, o declínio do humor elevado para estados depressivos.

O EPISÓDIO DEPRESSIVO

Na presente seção, pretendemos discorrer sobre os episódios depressivos, como parte atributiva do Transtorno Bipolar. É importante ressaltar que levamos em conta não a depressão em si aqui, como o transtorno depressivo isolado, mas a depressão causada especificamente pela bipolaridade.

Desse modo, temos que, na fase depressiva do Transtorno Bipolar, as emoções e comportamentos tornam-se desligadas de quaisquer formas de satisfação. Assim, o indivíduo no episódio depressivo sente-se como que em um torpor extremo, diferentemente dos episódios de mania, nos quais os comportamentos e as emoções são experienciados de formas intensas dentro de suas variações.

Abaixo, podemos notar uma descrição dos sintomas da depressão a partir

do DSM V:

“Os sintomas dos critérios para transtorno depressivo maior devem estar presentes quase todos os dias para serem considerados presentes, com exceção de alteração do peso e ideação suicida. Humor deprimido deve estar presente na maior parte do dia, além de estar presente quase todos os dias. Insônia ou fadiga frequentemente são a queixa principal apresentada, e a falha em detectar sintomas depressivos associados resultará em subdiagnóstico. A tristeza pode ser negada inicialmente, mas pode ser revelada por meio de entrevista ou inferida pela expressão facial e por atitudes. [...] Fadiga e perturbação do sono estão presentes em alta proporção de casos; perturbações psicomotoras são muito menos comuns, mas são indicativas de maior gravidade geral, assim como a presença de culpa delirante ou quase delirante.” (Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, 2014, p. 162).

O manual citado acima mostra que existem determinadas características e sintomas comumente expressados por indivíduos em estado depressivo. Sintomas mais leves como alterações no sono, e aqueles mais severos como alucinações, os quais são considerados nas duas referências, sendo então importantes para o diagnóstico dos episódios depressivos.

Jamison (1994, p. 18) caracteriza o episódio depressivo da seguinte maneira: “The depressive, or melancholic, states are characterized by a morbidity and flatness of mood along with a slowing down of virtually all aspects of human thought, feeling and behavior that are most personally meaningful”. Desse modo, a definição da autora consegue condensar o que vimos acima apenas de forma descritiva dos sintomas, sendo a depressão definida então como uma alteração de humor que pode carregar uma diversidade de características.

SOFRIMENTO PSÍQUICO NA ATUALIDADE E TRANSTORNO BIPOLAR

Na presente seção, pretendemos dar uma abordagem social ao Transtorno Bipolar. Para isso, buscamos inseri-lo dentro da discussão de sofrimento psíquico e sociedade, presente na sociologia da atualidade.

Como apresentamos no início da introdução do presente trabalho, as sociedades pelo mundo vêm experimentando uma série de mudanças ocorridas ao longo das últimas décadas: globalização, flexibilização das relações de trabalho, novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), entre outras.

A partir de um paralelo com a perspectiva foucaultiana, Byung-Chul Han (2017) propõe que, se anteriormente ao século atual a sociedade era considerada como disciplinar, a qual seria caracterizada por "sujeitos da obediência", no momento presente a sociedade é designada como 'sociedade do desempenho'. Por consequência, os sujeitos seriam marcados também pelo desempenho, já que tal sociedade funciona buscando engendrar formas de subjetividade que correspondam às suas demandas. Dessa forma, se o momento atual é caracterizado por excesso de positividade, no século anterior, vivia-se uma época imunológica, ou seja, buscava-se afastar a negatividade do que é estranho. A violência neuronal, na forma de uma brutal invasão das psiques individuais por imperativos positivos de ação, enquadra-se no que se pode entender como uma violência sistêmica.

Positividade e desempenho são atributos relacionáveis ao transtorno bipolar, especificamente nos estados de mania, como maior proatividade, disposição para agir, dentre outros sintomas experienciados pelo sujeito bipolar nesse estado. Por isso, o sistema neoliberal se apropria do que é gerado até mesmo pelo sofrimento dos indivíduos.

Byung-Chul Han (2017), mostra que em se tratando de patologias, o presente século caracteriza-se não por bacteriológico ou viral, mas sim por neuronal. Isto é, o hodierno seria marcado pelo excesso de positividade, resultando assim em doenças neuronais como: depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) e Síndrome de Burnout (SB). Assim, Han conclui que os adoecimentos neuronais são estados patológicos causados por um exagero de positividade, ou seja, a superprodução, super desempenho ou supercomunicação são resultados da violência da positividade (p. 21). Essa relação está imbricada com o que o autor chama de passagem da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho: "[...] seus habitantes não se chamam mais "sujeitos da obediência", mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos." (p. 23). Para o autor, essa mudança de paradigma já habita o inconsciente social, de modo que os sujeitos dentro de tal ordem possuem em si o desejo de maximizar a produção. Se a sociedade

disciplinar era organizada em torno da negatividade, de uma série de pressões sobre os sujeitos, a sociedade do desempenho possui um excesso de positividade, uma vontade de proatividade inscrita no sujeito.

Essa discussão gira em torno do que o autor, em outro livro, caracteriza como a forma de dominação na atualidade, que parte de um processo em nós mesmos nos sujeitamos e nos exploramos, a era da psicopolítica.

A psicopolítica neoliberal, assim, tem como objetivo explorar a pessoa, não só o seu trabalho, mas sua subjetividade também no campo da vida, e para isso utiliza de meios cada vez mais sofisticados. Para que o próprio sistema funcione cada vez mais próximo à perfeição, no neoliberalismo o aperfeiçoamento pessoal é sempre estimulado a partir do uso de treinamentos de otimização pessoal. Assim, como resultado da exploração da psique, por consequência, vivemos a era das doenças mentais. A busca por 'otimização pessoal' e 'aumento da eficiência' imposta, de maneiras sofisticadas, pelo neoliberalismo tem frequentemente resultados opostos já que causam a degradação dos sujeitos. O 'desempenho' deixa de ser então uma característica positiva para tornar-se seu perfeito contrário, tendo como uma das principais consequências o adoecimento mental. (HAN, p. 2019).

Em se tratando do neoliberalismo, a análise de Dardot e Laval (2016), tem uma relevância importante por observar a construção do neoliberalismo a partir de uma perspectiva relativa à dominação, no sentido de governança política, fortemente inspirada em Foucault. "O neoliberalismo pode ser definido como um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência." (2016, p. 17). Essa interpretação sugere mais que uma mudança no caráter econômico: um impacto governamental que visa alterar a própria subjetividade.

Desse modo, o sujeito é produzido pela sociedade neoliberal, de modo que esse possa ser governado e ao mesmo tempo vigie a própria conduta, de modo a ser um elemento concorrencial máximo, assumindo os riscos e responsabilidade por eventuais fracassos (Dardot & Laval, 2016, p. 328). Isso significa, de certo modo, que o trabalhador deve "gerir a si mesmo". Tal gestão inclui as diversas dimensões da subjetividade, como a motivação para persistir

após fracassos ou o “bom humor” na relação com os clientes.

A interpretação de Gabriel Peters (2021) nos mostra que na atualidade do capitalismo, pensando nas relações de vida e no mundo do trabalho, os sujeitos estão inscritos num processo de constante avaliação. Neste sistema avaliativo, uma das principais características é a capacidade dos indivíduos de mostrarem ser diferentes e únicos, e por isso, melhores que os outros. Para isso, não somente do corpo, mas também da mente é exigido, ou seja, o que está no campo da mente começa a fazer parte do que é exigido dos indivíduos no novo capitalismo.

Peters, baseado na ideia de aceleração sugerida por Hartmut Rosa, ou seja, na ideia de que o ritmo da existência dos indivíduos vem sendo alteradas para um modo de existência “situacional”, afirma que com a aceleração do mundo afeta também a percepção de tempo dos indivíduos. Diante das transformações radicais e abruptas dos contextos sociais de experiência torna-se quase impossível pensar o passado como meio de aprendizado, ele não existe, já não serve, é como se estivesse acontecido a mais tempo do que realmente fora, e o futuro nunca poderia existir como se imagina agora, já que quando este se fizer presente será tão efêmero e dessemelhante ao agora (Peters, 2021, p. 79).

Se na modernidade tardia existem formas ideais as quais devem ser seguidas pelos indivíduos, Peters mostra como a depressão pode ser, de certo modo, interpretada então como um “protesto ético-político do indivíduo”, ou seja, o não cumprimento das normas tendo como causa o estar deprimido. De outro lado, o autor aponta a importância de não se deixar cair em romantismos superficiais sobre a questão, já que dessa forma pode ser possível que haja negligência sobre os pesares reais da depressão. Nesse sentido, embora defenda que a questão da depressão seja tratada na esfera política, ele propõe que a mera substituição dos tratamentos considerados “formas individualizadas de tratamento psiquiátrico e psicoterapêutico” pela luta política seria “simplista e irresponsável” (Peters, 2021, p. 81).

Desta forma, sendo o sujeito depressivo interpretado como o fracasso da autogestão na pós-modernidade, essa lógica aplica-se, por conseguinte, ao sujeito em estado depressivo no Transtorno Bipolar. Por isso que, neste estado

de transtorno, se têm experiências associadas ao sujeito que “deu errado”, tendo que lidar com as consequências da experiência depressiva. Vivenciando a depressão, torna-se difícil adaptar-se às exigências de vida e trabalho na atualidade, já que estes sujeitos se encontram, provavelmente, incapacitados de “autogestão”, como demandado pela ordem atual.

Contudo, no Transtorno Bipolar se tem o “adicional” que é o estado de mania, não existente em quadros apenas depressivos. Assim, é possível observar o sujeito no estado de mania, com sintomas os quais podem ser associados a uma pré disposição para exercer uma forma de sociabilidade polivalente e flexível, condizente com o espírito empreendedor do neoliberalismo.

Para aprofundar a análise dos sujeitos dentro dessa ordem, pretendemos, na próxima seção, fazer uma análise das relações de trabalho com ênfase no que se convencionou chamar de capitalismo flexível. Os autores que tratamos até agora, especialmente os da presente seção, chamam a ordem atual de diversas formas: desde “novo espírito do capitalismo” (Peters, 2021 a partir dos trabalhos de Luc Boltanski e Ève Chiapello) até neoliberalismo, capitalismo neoliberal etc. (Han, 2019; Dardot & Laval, 2016), mas optamos pela noção de “capitalismo flexível” por entender, como veremos, as relações de trabalho ligadas à práticas culturais e subjetivas das pessoas, dentro de uma ordem econômica específica que não se resume à sua economia.

MUNDO DO TRABALHO E SUBJETIVIDADE, ONTEM E HOJE

Na presente seção, pretendemos observar os caminhos do mundo do trabalho na atualidade, com foco principal na cultura e subjetividade das pessoas que trabalham. Nosso intuito, aqui, é complementar a discussão acerca das mudanças ocorridas nas sociedades (especialmente as ocidentais) nas últimas décadas. Damos privilégio à discussão acerca das mudanças no mundo do trabalho, levando em conta a vigência do modo de produção capitalista e sua capacidade de adaptação ao longo da história.

Desse modo, as duas questões fundamentais são: a consolidação de um tipo de subjetividade “fordista” durante boa parte do século XX, atrelada a uma

estrutura burocrática envolvendo Estado e capitalismo; e, posteriormente, o tipo de subjetividade flexível que vem a ser, na literatura, um paradigma dominante tanto para o trabalho quanto para a vida, principalmente a partir dos anos 1990.

O CAPITALISMO BUROCRÁTICO E O FORDISMO-TAYLORISMO

A presente seção trata de discutir o que se convencionou por “capitalismo burocrático”, entendendo-o basicamente como uma estrutura organizativa de compromisso e contrapartidas sociais em complemento a uma ordem de trabalho erigida sob as bases do fordismo-taylorismo (que veremos melhor abaixo). Essa estrutura “social”, erigida principalmente no pós-guerra, compreendendo – em diversos casos e formas – direitos do trabalho, direito a organização coletiva e previdência social, funcionou ao capitalismo como legitimadora de sua forma de dominação, permitindo a construção de um senso de narrativa (derivado de seguridade) e linearidade de vida aos trabalhadores (Sennet, 2005). Por fordismo, entendemos um sistema de produção que tem suas origens em 1914, quando Henry Ford introduz o “dia de oito horas e cinco dólares como recompensa para os trabalhadores da linha automática de montagem de carros” em Dearborn, Michigan (Harvey, 2008, p. 121). Esse sistema de produção, impondo uma jornada fixa e um alto salário, como contrapartida à produção em massa e fragmentação do trabalho; esse sistema é associado historicamente à moderna gestão científica, especialmente com o taylorismo, cujo pilar era a transferência do saber para a administração, que coordenaria os processos do fazer. (Antunes, 2015). As revoluções nas formas de gestão da força de trabalho e o avanço sobre a superprodução vêm a conformar o que se convencionou por “paradigma fordista taylorista”, sob a esteira e o cronômetro. Atividades simples com tempo cronometrado, produção em massa, monotonia, etc. (Antunes, 2015).

Sennett (2019) aponta para o fato de que o capitalismo burocrático conseguiu manter, por tempo considerável, uma estabilidade econômica, o que foi responsável por determinadas contrapartidas organizativas na sociedade, o que resultou em um compromisso entre economia e regulação. Isso implica a construção de uma ordem definidamente hierárquica (em relação à divisão do trabalho), piramidal (isto é, uma base lotada e uns poucos indivíduos no topo), e

um controle cronometrado do tempo, de forma minuciosa, implicando esse triângulo de características numa forma de disciplina específica do capitalismo burocrático. Utilizando a análise de forma weberiana do capitalismo como base, o autor associa o capitalismo burocrático à estrutura militar, assim estando associado ao trabalho.

Acreditamos ser importante não tomarmos como um processo “evolutivo” o capitalismo, se conformando em fases e sem nenhum tipo de “resistência”. Sennett, citando David Noble (2005, p. 46), observa que os trabalhadores na indústria taylorista demonstravam meios de atrapalhar e sabotar os procedimentos de imposição do cálculo frio do cronômetro sobre seu trabalho. Assim, vemos que as mudanças não passam simplesmente batidas pelos trabalhadores, que não são então sujeitos passivos.

O PARADIGMA FLEXÍVEL E O NEOLIBERALISMO: TRABALHO, FLEXIBILIZAÇÃO, “GESTÃO-DE-SI”

Desse modo, partimos de uma apreciação crítica de textos que discutem a atualidade do mundo do trabalho, geralmente centrados em uma noção de “empreendedorismo” que acreditamos ser limitada, e que também pode causar uma compreensão errada das questões que envolvem o trabalho. Assim, é importante resgatar a noção de trabalho, destacando seu aspecto precarizado, flexível.

Os debates acerca do que se pode conceber pela nova ordem capitalista (novo capitalismo, capitalismo flexível, acumulação flexível etc.) podem variar, mas há certo consenso de que as mudanças têm origem a partir da década de 1970, com a crise do Bretton Woods (Sennett, 2019, p. 41) ou com o que se chama de crise estrutural do capital (Antunes, 2015). A crise econômica levou os bancos à exportação de capitais, abrindo uma rede nova de investimentos em diversos países.

Partindo de como Sennett interpreta o capitalismo flexível, é possível entender que a burocracia não “desapareceu”, ela se expressa de outras formas. O regime flexível tem como característica o poder descentralizado, havendo mesmo assim a concentração de poder (Sennet, 2005, p. 63). Além disso, há

uma disciplinarização específica baseada em times de trabalho, com compartilhamento de atividades (p. 59), além de levar em conta um processo constante de reinvenção descontínua de instituições (p. 55), o que significa que cada vez mais ocorrem mudanças nos empreendimentos. Nota-se que vinha ocorrendo uma inquietação em relação ao estado em como as coisas estavam: o comportamento flexível necessita de mudança. Desse modo, este processo de mudança está ligado à estabilização do neoliberalismo (do qual falamos na seção anterior, na discussão sobre sofrimento psíquico).

Para incrementar a discussão, achamos importante também citar a perspectiva de Jonathan Crary, acerca do que ele aponta como um capitalismo “24/7”, isto é, 24 horas por dia, 7 dias por semana, sendo um tipo de regime de super-produtividade baseado na “superação” (pelo capital) do sono, e que observamos como fortemente atrelada ao neoliberalismo. Mais do que um “slogan”:

“[...] a expressão 24/7 é uma redundância estática que desautoriza qualquer imbricação com as tessituras rítmicas e periódicas da vida humana. Evoca um esquema arbitrário e inflexível de uma semana de duração, esvaziado de quaisquer desdobramentos de experiências, cumulativas ou não. [...] muitas instituições no mundo desenvolvido funcionam há décadas em regime 24/7. Mas só recentemente a elaboração, a configuração da identidade pessoal e social foi reorganizada para ficar conforme à operação ininterrupta de mercados, às redes de informação e outros sistemas. Um ambiente 24/7 aparenta ser um mundo social, mas na verdade é um modelo não social, com desempenho de máquina – e uma suspensão da vida que não revela o custo humano exigido para sustentar sua eficácia.” (Crary, 2016, p. 18)

Assim, entendemos com o autor que “O tempo 24/7” é um tempo de indiferença, ao qual a fragilidade da vida humana é cada vez mais inadequada, e onde o sono não é necessário nem inevitável” de modo que, se tratando de trabalho, “[...] torna plausível, até normal, a ideia do trabalho sem pausa, sem limites.” (Crary, 2016, p. 19). Isso está atrelado à especificidade da produtividade sem pausa; o que, para nós, tem um tom próximo à noção de “empreendedor de si” que deve buscar sempre investir em si mesmo como seu capital.

Destacamos o artigo de Amorim, Moda e Mevis (2021), onde argumentam que o empreendedorismo deve ser entendido como uma chave analítica

relevante para entender a subjetividade do trabalho no neoliberalismo, ou melhor, o empreendedorismo como uma forma de vida, buscando analisar a passagem das relações entre capital e trabalho às cotidianas, à própria subjetividade dos trabalhadores.

Do modo como os autores tomam a questão entre trabalho e empreendedorismo, observa-se o fordismo no século XX como um paradigma que capturava a subjetividade do trabalho para formar um modo de vida específico, no sentido de que o trabalhador fordista se conformava dentro de uma estrutura burocrática. Assim, apontam como, na sociedade neoliberal, há um ponto de virada que alarga o conceito de empreendedorismo, deslocando-o do “empresário capitalista” à “classe trabalhadora”, que é quem supostamente empreende (a si mesma) (AMORIM, MODA & MEVIS, 2021, p. 6).

Antunes (2015), fazendo um desenho amplo da situação do trabalho na atualidade, mostra como se faz necessária uma concepção ampliada de classe trabalhadora enquanto classe-que-vive-do-trabalho, englobando tanto trabalhadores produtivos como improdutivos, industriais ou de serviços, materiais ou imateriais (pp. 139-140).

A interpretação de Ricardo Antunes (2015) elucida um fato importante: apesar das novas conformações do mundo do trabalho, o trabalho ainda não perde centralidade, não perde sua importância como categoria e como meio de vida; se pudermos acrescentar, as mudanças na forma do trabalho e no gerencialismo não implicam mudanças no trabalho em si, e sim na forma como o capital impõe suas condições. Interpretar o empreendedorismo como algo dado, como substituto do trabalho, esconde o fato de que, apesar de flexíveis, e até mesmo “empreendedores de si”, a classe trabalhadora ainda trabalha.

Acreditamos que o trabalho realmente passa por uma mudança, principalmente em termos de relação de poder e dominação ligados à prática, gerando um tipo de “poder sem autoridade” (Sennet, 2005): a dinâmica do trabalho e a culpabilização de si, especialmente levando em conta o caráter de projetos de curto prazo, cria meios de gestão que transferem a culpa e a responsabilidade, ao mesmo tempo que ainda existe (mesmo que se chame de gerente ou team leader) alguém que detém um poder, mesmo que numa

hierarquia invisibilizada (p. 36). Desse modo, a flexibilização do trabalho não é algo “novo”, vindo desde os anos 1970; a questão central é que ela passa e tem passado por enormes mudanças no mundo do trabalho.

CONCLUSÃO

No presente trabalho, tivemos como objetivo observar os impactos do Transtorno Bipolar no trabalho, e para isso realizamos entrevistas semi-estruturadas com entrevistados selecionados através do método bola de neve. No referencial teórico, observamos, a partir da bibliografia sobre Transtorno Bipolar, que este caracteriza-se, de modo geral, em dois estados: o estado de mania e o estado depressivo. No estado de mania, o indivíduo encontra-se, no geral, eufórico, criativo, loquaz, com tendências ao uso abusivo de álcool e substâncias ilícitas, podendo haver alucinações e estado de psicose em casos mais graves. Já o estado depressivo se comporta como o extremo oposto do estado de mania. Alguns dos principais sintomas são: tristeza profunda, apatia, reclusão, ausência de vontade para realizar tarefas cotidianas, pensamentos suicidas e de morte.

Na segunda seção do referencial teórico, verificamos, através dos textos sociológicos de base, as configurações do mundo do trabalho, partindo do modelo fordista-taylorista até o mundo da flexibilização, para assim refletirmos sobre até que ponto são aplicadas à realidade do presente trabalho.

Por ser diagnosticada com transtorno bipolar, eu conhecia previamente uma pessoa que também é portadora e, através desse contato, pude conhecer o primeiro entrevistado; em seguida, este último indicou outras duas pessoas a serem entrevistadas.

Os entrevistados tiveram diferentes comportamentos nas entrevistas: algumas perguntas eram respondidas mais amplamente em comparação a outras. Um dos entrevistados forneceu respostas muito breves, demonstrando indiferença com determinadas perguntas. Por outro lado, outro entrevistado respondeu detalhadamente à maioria das perguntas que lhe foram feitas. É importante ressaltar que os entrevistados são todos homens, o que abre espaço para, em uma pesquisa futura, levar em consideração a questão de gênero.

Na análise dos dados, foi possível observar a relação entre os sujeitos entrevistados e o transtorno bipolar; como cada um deles vivencia o transtorno não só de forma subjetiva mas também interpessoal. Além disso, investigamos a relação entre o Transtorno Bipolar e o trabalho, e o que pudemos constatar consta no seguinte: o Transtorno Bipolar, por mais que descrito por manuais e pela literatura da psiquiatria como definido por uma série de características uniformes, é experienciado de forma bem diferente para cada indivíduo; no que diz respeito aos entrevistados, que possuem tipos de trabalho bem diferentes entre si, pudemos observar uma influência de estados de humor, causados pelo Transtorno, em relação ao cotidiano de trabalho (bem como ao cotidiano em geral, como mostram as falas dos entrevistados).

Não dá pra fazer uma inferência direta, do tipo “o Transtorno afeta negativamente o trabalho”. O que podemos fazer, e o que foi nosso objetivo, é observar certos impactos característicos através da experiência dos entrevistados, e daí nós pudemos ver questões como: o impacto de “crises” no que diz respeito ao humor afetando o trabalho, especialmente os estados depressivos; pudemos ver também como a ordem de rigidez ou flexibilidade no trabalho pode afetar e ser afetada pela condição do humor, quando um entrevistado afirma não conseguir socializar no trabalho, não querer ver ninguém quando em estado depressivo; ou até mesmo, na contramão, uma perspectiva próxima do que podemos pensar um “estado de mania”, quando um dos entrevistados afirma ser workaholic. Enfim, uma série de questões que ficam em aberto.

O que se espera é poder contribuir para novas questões e uma ampliação do debate sobre sofrimento psíquico e transtornos no âmbito da sociologia, para além de uma perspectiva médica ou psiquiátrica.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Henrique; et. al. **Empreendedorismo: uma forma de americanismo contemporâneo?** In: Cadernos CRH, Salvador, v. 34, p. 1-16, 2021. Disponível

em:

<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/4zN8sv5BhPHhKKjywHRr4vy/?format=pdf&lang=pt>.

ALCÂNTARA, Igor et al. **Avanços no diagnóstico do transtorno do humor bipolar**. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, RS, 25, p. 22-32, abril 2003.

ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho?**. São Paulo: Cortez, 2015.

BENDASSOLLI, Pedro F. **Mal estar no trabalho: do sofrimento ao poder de agir**. Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza, v. 11, n. 1, p. 65-99, mar. 2011.

CORREA, Luiza Mota; LIMA, Rossano Cabral. **O transtorno bipolar na rede: a construção do diagnóstico em um grupo on-line**. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 28(4), 2018.

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: UBU, 2016.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Editora Âyiné, 2019.

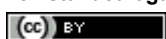
HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 2008.

JAMISON, Kay Redfield. **Touched with fire: manic-depressive illness and the artistic temperament**. New York: Free Press, 1993.

JAMISON, Kay Redfield. **Uma mente inquieta: memórias de loucura e instabilidade de humor**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MACHADO-VIEIRA, Rodrigo, et al. **As bases neurobiológicas do transtorno bipolar**. Revista Psiquiátrica Clínica. n 32, p. 28-33, 2005.



MICHELON, Leandro; VALLADA, Homero. **Fatores genéticos e ambientais na manifestação do transtorno bipolar.** Revista Psiquiatria Clínica, n 32, p. 21-27, 2005.

PETERS, Gabriel. **O novo espírito da depressão: imperativos de autorrealização e seus colapsos na modernidade tardia.** CIVITAS - Revista de Ciências Sociais, 21 (1), p. 72-83, maio, 2021.

RICHARDSON, Robert Jay. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 2012.

SAFATLE, Vladimir; **A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral.** In: Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica, p.17-44, 2021.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo.** Rio de Janeiro: Record, 2019.

TUNG, Ten Chei. **Enigma bipolar: consequências, diagnósticos e tratamento do transtorno bipolar.** São Paulo: MG Editores, 2007.